

Educação em Saúde na área de Ensino: tendências e padrões em estudos brasileiros

Health Education in Teaching field: trends and standards in brazilian studies

José Augusto Dalmonte Malacarne
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
Rio de Janeiro – Brasil

Marcelo Borges Rocha
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET)
Rio de Janeiro – Brasil

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar como a Educação em Saúde tem sido abordada nas publicações nacionais em periódicos da área de Ensino da CAPES. Realizou-se um estudo qualitativo, de cunho exploratório e descritivo, em formato de revisão sistemática nas revistas do estrato A1 no período entre 2017 e 2021. Verificou-se que a Região brasileira que mais produz sobre o tema é a Sudeste, especialmente nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Os temas mais abordados na Educação em Saúde foram o Programa Saúde na Escola, a Educação Alimentar e Nutricional e a Prevenção ao uso de Álcool e Drogas. Apesar dos desafios da pesquisa brasileira, das lacunas na formação de professores e da ausência de Políticas Públicas efetivas, percebe-se que existem possibilidades para uma Educação em Saúde nas escolas. Um deles diz respeito à aproximação de áreas, como a do Ensino e a da Saúde, para potencializar os aprendizados necessários à Saúde dos estudantes.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Ensino; Escola.

Abstract

The objective of this study was to analyze how Health Education has been addressed in national publications in journals from the Teaching area of CAPES. We conducted a qualitative, exploratory and descriptive study, in the format of a systematic review in A1 journals in the period between 2017 and 2021. It was found that the Brazilian region that produces the most on the subject is the Southeast, especially in the states of Rio de Janeiro and São Paulo. The most addressed themes in Health Education were the Health at School Program, Food and Nutrition Education, and Prevention of Alcohol and Drug Use. Despite the challenges of Brazilian research, the gaps in teacher training, and the absence of effective Public Policies, it is clear that there are possibilities for Health Education in schools. One of them concerns the approximation of areas, such as Teaching and Health, to enhance the learning required for the students' Health.

Keywords: Health Education. Teaching. School.

1. Introdução

A área de Ensino da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) foi criada pela portaria número 83, no dia 6 de junho do ano de 2011, incorporando, desse modo, todos os Programas de Pós-Graduação (PPG) da área de Ensino de Ciências e Matemática (CAPES, 2011; ARAÚJO-JORGE; SOVIERZOSKI; BORBA, 2017). A área de Ensino, junto a Interdisciplinar, a Biotecnologia, as Ciências Ambientais e Materiais, formam a grande área Multidisciplinar.

No que diz respeito às especificidades da área de Ensino, conforme aponta Araújo-Jorge, Sovierzoski e Borba (2017), diferenciando-a da Educação, consiste no fato de que a formação inicial e continuada dos docentes é mais multidisciplinar, bem como, a atuação dos docentes em outros programas, garantindo um diálogo entre as diferentes áreas. Na busca de propostas multidisciplinares, a educação em saúde é um dos temas investigados na área de Ensino, uma vez que a educação é uma importante ferramenta para auxiliar o ensino da saúde na educação básica brasileira (BRASIL, 1996; BRASIL, 1997; BRASIL, 1998; BRASIL, 2014).

Por isso, tem-se o entendimento de educação em saúde, educação na saúde e educação popular em saúde. Falkenberg *et al.* (2014) diferenciam esses termos, destacando que nas instituições escolares e na área de ensino é viável utilizar educação em saúde, que envolve um processo político e pedagógico, com diferentes setores e profissionais, aumentando a autonomia e liberdade dos estudantes sobre as questões individuais e coletivas que englobam a saúde. Assim, a educação na saúde compreende o processo de formação dos profissionais da saúde e a educação popular em saúde aproxima a população com os aprendizados de profissionais da saúde sobre temas pertinentes à Saúde Coletiva.

Trazendo a discussão para a educação formal, a saúde está presente em todos os documentos norteadores da educação brasileira. Contudo, com o passar dos anos, percebe-se uma fragilização em sua compreensão e orientação às escolas. Em 1998, quando foram lançados os documentos referentes aos temas transversais dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a saúde teve um documento exclusivo, enfatizando as questões sociais, culturais e econômicas inerentes à sua determinação (BRASIL, 1998). Entretanto, na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2017) e nos seus Temas Transversais Contemporâneos (TCT) (BRASIL, 2019), o conteúdo saúde aparece timidamente, orientado como “saúde e educação nutricional”, sem maiores desdobramentos (BRASIL, 2019, p. 13).

Nesse contexto, percebe-se que promover a saúde, diz respeito a um dos maiores objetivos da Saúde Pública, em todo o mundo. Este movimento foi intensificado, sobretudo após a Organização Mundial da Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, decretar a Pandemia do novo Coronavírus (SARS-CoV-2). Contudo, ainda é comum o uso do conceito de saúde elaborado pela OMS, definindo-a como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não ausência de doença” (LEWIS, 1986, p. 1100). Por outro lado, Palma (2020, p. 6) chama atenção para equívocos conceituais envolvendo este entendimento, uma vez que existe uma dificuldade acerca da definição de “bem-estar” e a ideia de “completo” parece ser algo acabado, logo “seria impossível ter saúde por tal definição”.

Nesse sentido, houve Conferências Internacionais e Nacionais sobre a promoção da saúde, que buscaram problematizar e superar esse equívoco conceitual. Martins (2019), baseada no conceito de saúde discutido na VIII Conferência Nacional de Saúde (BRASIL, 1986), advoga que a saúde transcende os marcadores biológicos, englobando aspectos socioeconômicos, educacionais, psicológicos, políticos, culturais, entre outros. Por isso, hoje, trabalha-se com a noção de “determinação social” da saúde, transcendendo a compreensão positivista de determinante e da redução à biologia (GARBOIS; SODRÉ; DALBELLO-ARAÚJJO, 2017).

De acordo com a Política Nacional de Promoção da Saúde, publicada a primeira edição no ano de 2006, a promoção da saúde consiste em um conjunto de estratégias, envolvendo o indivíduo e/ou o grupo, formando uma rede de atenção à saúde, com ênfase na participação e no controle social. Sendo assim, a promoção da saúde reconhece que, para a equidade em saúde, é necessário considerar a determinação social, ambiental, política, econômica e cultural, reduzindo os riscos e vulnerabilidades que ameaçam a saúde dos seres humanos (BRASIL, 2014).

Martins (2019) trouxe importantes reflexões acerca das aproximações necessárias entre os campos da Educação em Ciências e da Educação em Saúde. Para a autora, a saúde, quando respaldada nas ciências humanas e sociais supera uma visão generalista e instrumental da educação e do ensino. A área de ensino, nesse sentido, pode contribuir para a delimitação das investigações envolvendo a saúde, promovendo a interdisciplinaridade entre os campos e suas respectivas disciplinas (MARTINS, 2019).

Nos esforços necessários para a articulação do Ensino de Ciências e Educação em Saúde, Martins (2019) observou que, desde 2000, no Encontro Nacional de Pesquisas em Ensino de Ciências (ENPEC), há um aumento na apresentação de trabalhos envolvendo temáticas referentes à saúde. Nesse sentido, entende-se necessário ampliar essa análise para outros espaços de diálogos. Assim, o objetivo do presente estudo foi analisar como as temáticas referentes à Educação em Saúde têm sido abordadas nas publicações nacionais em periódicos da área de Ensino da CAPES.

2. Metodologia

2.1 Caracterização do Estudo

Trata-se de um estudo qualitativo de caráter exploratório e descritivo, com a finalidade de aproximação do tema (GIL, 2008; MINAYO, 2014). Realizou-se uma revisão sistemática para investigar, sintetizar e reunir os resultados de investigações que foram desenvolvidas sobre um problema científico, apontando, nesse sentido, caminhos que ainda precisam ser explorados (SAMPAIO; MANCINE, 2007). Corroborando, Galvão e Ricarte (2019) dispõem que a revisão sistemática permite a observação de limitações em estudos anteriores e o conhecimento dos recursos necessários para a construção de pesquisas específicas, propondo novas hipóteses e metodologias para pesquisas futuras.

2.2 Periódicos e descritores utilizados

Delimitou-se a análise aos periódicos com classificação no estrato A1, de acordo com a Plataforma Sucupira da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Para identificar essas revistas, acessou-se a Plataforma Sucupira, e foi preenchido o evento de classificação para o quadriênio 2013 a 2016, com foco na área de avaliação “ensino”, atual número 46.

Como o foco do estudo são os estudos brasileiros, apenas revistas nacionais foram selecionadas. Ainda, para facilidade de acesso aos materiais, delimitou-se às revistas com publicações *on-line* e com acesso aberto. Para tanto, no estrato A1, entre as 145 (centro e quarenta e cinco) revistas disponibilizadas, 27 eram brasileiras, com versão *on-line*. Foram excluídos dessa lista os periódicos voltados ao ensino de Física e Matemática (duas revistas). Assim, analisando o endereço eletrônico de cada um dos 25 (vinte e cinco) periódicos, 11 (onze) tinham trabalhos envolvendo a educação em saúde.

Acessando a página de cada periódico, no campo “busca avançada”, entrou-se com os descritores referentes às Ciências da Saúde disponibilizados na Biblioteca Virtual de

Saúde (BVS), “educação em saúde” OR “escola” OR “ensino” AND “saúde”. Esses termos poderiam estar presentes tanto nos títulos, quanto nos resumos e nas palavras-chave dos artigos. Quando houve dúvidas se o trabalho se enquadrava na perspectiva do estudo, o texto foi lido na íntegra.

A seleção das revistas, bem como dos artigos que fizeram parte da revisão foi realizada no mês de dezembro de 2021. As revistas, a quantidade de trabalhos encontrados e selecionados podem ser visualizados no Quadro 1.

Quadro 1 – Revistas que compuseram o estudo

Revista	Artigos encontrados	Artigos Elegíveis
Ciência & Saúde Coletiva	280	14
Educação e Pesquisa	13	3
Educação em Revista	11	1
Interface: Comunicação, Saúde e Educação	64	2
Saúde e Sociedade	12	3
Ciência & Educação	11	5
Educação & Sociedade	5	1
Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências	14	1
Pro-Posições	12	3
Revista Brasileira de Ciências do Esporte	22	2
Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	5	1
Total	429	36

Fonte: Elaborado pelos Autores, 2022.

2.3 Critérios de Inclusão e Exclusão dos artigos

Para compor o *corpus* de análise foram incluídos artigos publicados entre 2017 e 2021 (últimos cinco anos) com o tema educação em saúde. Tal recorte temporal se justifica pela busca das investigações mais recentes do tema. Por outro lado, excluíram-se: a) trabalhos que não foram disponibilizados na íntegra ou que não tinham acesso aberto; b) trabalhos em línguas estrangeiras; c) trabalhos de revisão; d) ensaios; e) trabalhos que associaram a educação em saúde em espaços não formais e informais, como, por exemplo, em clínicas médicas, hospitais escolas, Sistema Único de Saúde etc.

2.4 Análise dos trabalhos

Os dados foram analisados a partir da perspectiva qualitativa, especificamente com o referencial de Teixeira e Megid Neto (2006), investigando os padrões de descritores gerais e específicos dos artigos analisados. Para Megid Neto (1999, p. 35) os descritores são “aspectos a serem observados na classificação e descrição das teses e dissertações, bem como na análise de suas características e tendências”. Os descritores gerais analisados foram: título do artigo, autoria, revista que foi publicado e ano de publicação, universidade

em que o autor está filiado, Departamento Administrativo, Estado e Região brasileira do autor. Os descritores específicos foram: assunto do artigo, metodologia utilizada para realização do estudo e os principais resultados encontrados. Ressalta-se que em artigos com mais de um autor, considerou-se os descritores gerais e específicos do primeiro autor.

3. Resultados e Discussão

Aplicando os descritores supracitados, assim como, considerando os critérios de elegibilidade, foram identificados, inicialmente, nas revistas, 439 (quatrocentos e trinta e nove trabalhos) artigos. Depois de lidos os títulos, resumos e, em alguns casos, o texto na íntegra, foram considerados para a revisão 36 (trinta e seis) trabalhos, apresentados no Quadro 2.

Quadro 2 – Artigos para análise

	Título	Autores/ano	Filiação	Revista
T1	Educação entre pares: protagonismo juvenil na abordagem preventiva sobre álcool e outras drogas.	Padrão <i>et al.</i> (2021)	Fundação Oswaldo Cruz – Brasília.	Ciência & Saúde Coletiva
T2	Equipes de aprendizagem ativa na educação em saúde: ensino-serviço-comunidade na prevenção da contaminação por Covid-19.	Santos <i>et al.</i> (2021)	Universidade Federal do Sul da Bahia.	Interface – Comunicação, saúde e educação
T3	Abordagens ecobiossocial e promoção da saúde na escola: tecendo saberes para a vigilância comunitária no controle do <i>Aedes Aegypti</i> .	Barakat e Caprara (2021)	Universidade Estadual do Ceará.	Interface – Comunicação, saúde e educação
T4	O programa Elos para a prevenção de drogas: repercussões no cotidiano escolar.	Caron e Machado (2021)	Universidade de São Paulo.	Pro-posições
T5	Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade.	Freitas, Bermúdez e Mércan-Hamann (2021).	Universidade de Brasília.	Saúde e Sociedade
T6	Educação física, saúde e multiculturalismo em tempos de covid-19: uma experiência no ensino médio.	Godoi, Novelli e Kaeashima (2021)	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Mato Grosso.	Saúde e Sociedade
T7	O ensino de ciências e a saúde: por uma docência intercultural e crítico-reflexiva na escola básica.	Neves e Queiroz (2020)	Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro.	Ciência & Educação
T8	Características dos Programas escolas de prevenção ao uso de drogas no Brasil.	Pereira e Sanchez (2020)	Universidade Federal de São Paulo.	Ciência & Saúde Coletiva
T9	Tendência de atitudes extremas em relação ao peso em adolescentes e sua relação com suporte familiar e imagem corporal.	Ferreira e Andrade (2020)	Fundação Oswaldo Cruz – Belo Horizonte.	Ciência & Saúde Coletiva
T10	Cartografia da implantação e execução do programa saúde na escola (PSE): implicações	Brambilla, Kleba e Magro (2020)	Secretaria Municipal de Saúde, Tigrinhos, SC.	Educação em Revista

T11	Atuação em educação física escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA): Ações de promoção da saúde.	Costa, Souza e Carvalho (2020)	Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
T12	Protagonismo juvenil: análise do projeto rede de adolescentes e jovens promotores da saúde (RAP da Saúde) do município do Rio de Janeiro, na perspectiva de seus participantes.	Tasca, Brandão e Branco (2020)	Universidade Federal do Rio de Janeiro	Saúde e Sociedade
T13	A percepção dos profissionais de saúde e educação sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no acesso às informações sobre o crack.	Novais <i>et al.</i> (2020)	Universidade Federal de São Paulo.	Ciência & Educação
T14	Senso de coerência e fatores associados ao desempenho escolar de adolescentes.	Oliva <i>et al.</i> (2019)	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.	Ciência & Saúde Coletiva
T15	Fatores associados ao consumo alimentar na escola e ao sobrepeso/obesidade de escolares de 7-10 anos de Santa Catarina, Brasil.	Rossi <i>et al.</i> (2019)	Universidade Federal de Santa Catarina.	Ciência & Saúde Coletiva
T16	A vacinação e o saber do adolescente: educação em saúde e ações para a imunoprevenção.	Viegas <i>et al.</i> (2019)	Universidade Federal de São João del-Rei	Ciência & Saúde Coletiva
T17	Análise moral e ética no cuidado com a saúde de adolescentes cabo-verdianos e brasileiros referente ao consumo de cigarros, álcool, drogas e anabolizantes.	Marinho (2019)	Universidade Federal do Pampa.	Ciência & Educação
T18	A experiência dos adolescentes ao visitar um museu de ciências: um estudo no museu da vida.	Massarani <i>et al.</i> (2019)	Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro.	Ensaio – Ensino de Ciências
T19	Saúde mental infantil e contexto escolar: a percepção dos educadores.	Cid <i>et al.</i> (2019)	Universidade Federal de São Carlos.	Pro-posições
T20	A genenificação da intersectorialidade no Programa Saúde na Escola	Silveira, Meyer e Félix (2019)	Universidade Federal do Rio Grande do Sul.	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
T21	Ações para melhoria do conforto acústico em instituições de educação infantil.	Bitar, Calaço Sobrinho e Simões-Zenari (2018).	Universidade de São Paulo.	Ciência & Saúde Coletiva
T22	Percepções de escolares do ensino fundamental sobre o Programa Saúde na Escola: um estudo de caso em Belo Horizonte, Brasil.	Oliveira <i>et al.</i> (2018)	Faculdades Integradas Pitágoras.	Ciência & Saúde Coletiva
T23	DECIDIX: encontro de pedagogia Paulo Freire com o <i>serious games</i> no campo da educação em saúde com adolescentes.	Monteiro <i>et al.</i> (2018)	Universidade Federal de Pernambuco.	Ciência & Saúde Coletiva
T24	As ações de educação alimentar e nutricional e o nutricionista no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar.	Silva <i>et al.</i> (2018)	Universidade Federal de Goiás.	Ciência & Saúde Coletiva
T25	A prevenção à violência em programas interdisciplinares que atuam em escolas brasileiras e portuguesas.	Silva e Assis (2018)	Universidade Estágio de Sá.	Ciência & Saúde Coletiva

Educação em Saúde na área de Ensino: tendências e padrões em estudos brasileiros

T26	O que dizem as propostas curriculares no Brasil sobre o tema saúde e as doenças negligenciadas? Aporte para a educação em saúde no Ensino de Ciências.	Assis e Araújo Jorge (2018)	Fundação Oswaldo Cruz – Rio de Janeiro.	Ciência & Educação
T27	Preocupações com a educação <i>physica</i> : o ensino de práticas corporais nas escolas fluminenses (1836 – anos 1850).	Melo (2018)	Universidade Federal do Rio de Janeiro.	Educação e Pesquisa
T28	Educação libertadora de Paulo Freire e o teatro na educação em saúde: experiências em uma escola pública no Brasil.	Gonçalves e Da-Farra (2018)	Universidade Luterana do Brasil.	Pro-posições
T29	Status Social subjetivo na escola e nas aulas de educação física.	Santos et al. (2018)	Universidade do Estado de Santa Catarina.	Revista Brasileira de Ciências do Esporte
T30	Influência de intervenções educativas no conhecimento sobre alimentação e nutrição de adolescentes de uma escola pública.	Pereira, Pereira e Angelis-Pereira (2017)	Universidade Federal de Lavras.	Ciência & Saúde Coletiva
T31	Estado nutricional de alunos da Rede Nacional de Ensino de Educação Infantil e Fundamental do Serviço Social do Comércio (Sesc), Brasil, 2012.	Anjos e Silveira (2017)	Universidade Federal Fluminense.	Ciência & Saúde Coletiva
T32	A intersetorialidade no Programa Saúde na Escola: avaliação do processo político-gerecncial e das práticas de trabalho.	Sousa, Esperidião e Medina (2017)	Universidade Federal da Bahia.	Ciência & Saúde Coletiva
T33	Professores da rede municipal de ensino e o conhecimento sobre o papel da escola na formação de hábitos alimentares dos escolares.	Rocha e Facina (2017)	Universidade Federal da Bahia.	Ciência & Educação
T34	A política brasileira de prevenção da síndrome da imunodeficiência adquirida na escola (1994–2014) e o papel da organização das nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura.	Neves e Romero (2017)	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.	Educação & Sociedade
T35	Cenas do cotidiano na educação infantil: desafios da integração entre cuidado e educação	Monção (2017)	Universidade Cidade de São Paulo.	Educação e Pesquisa
T36	A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz.	Signor, Berberian e Santana (2017)	Universidade Federal de Santa Catarina.	Educação e Pesquisa

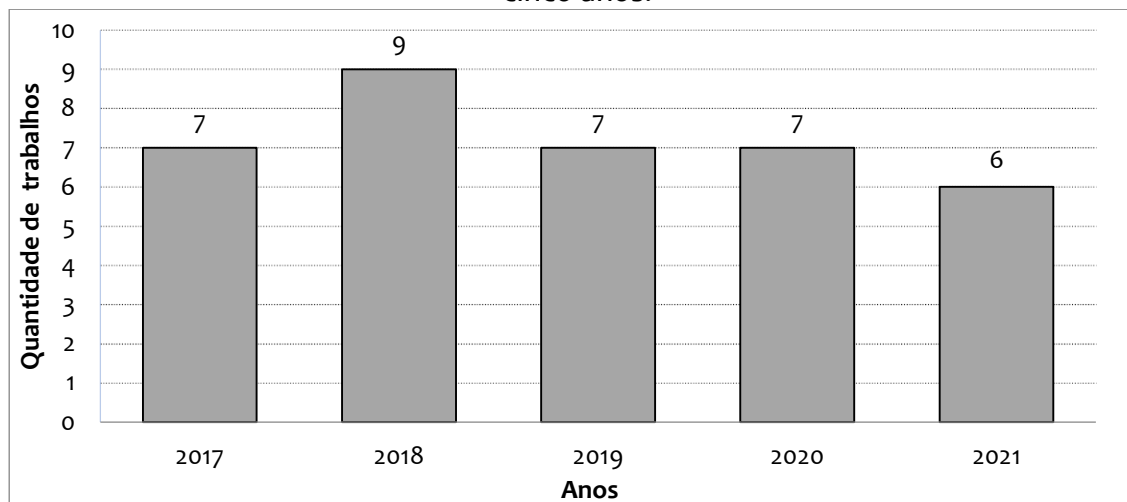
Fonte: Elaborado pelos Autores, 2022.

No Quadro acima, tem-se a apresentação dos trabalhos, especificamente no que diz respeito à revista que foi publicado, seu título, o ano de publicação e os autores que realizaram as pesquisas. Os artigos estão apresentados em ordem decrescente de ano.

Inicialmente, faz-se necessário a compreensão acerca da prevalência dos trabalhos com a temática Educação em Saúde que vêm sendo publicados nessas revistas. A partir da Figura 1, percebe-se que desde o ano de 2018 o tema vem sendo publicado com menor frequência. O ano de 2021 foi o que menos teve trabalhos envolvendo a educação em saúde

nas revistas de ensino, resultando no menor quantitativo em todo o período analisado: seis trabalhos.

Figura 1: Quantidade de artigos publicados sobre o tema educação em saúde nos últimos cinco anos.



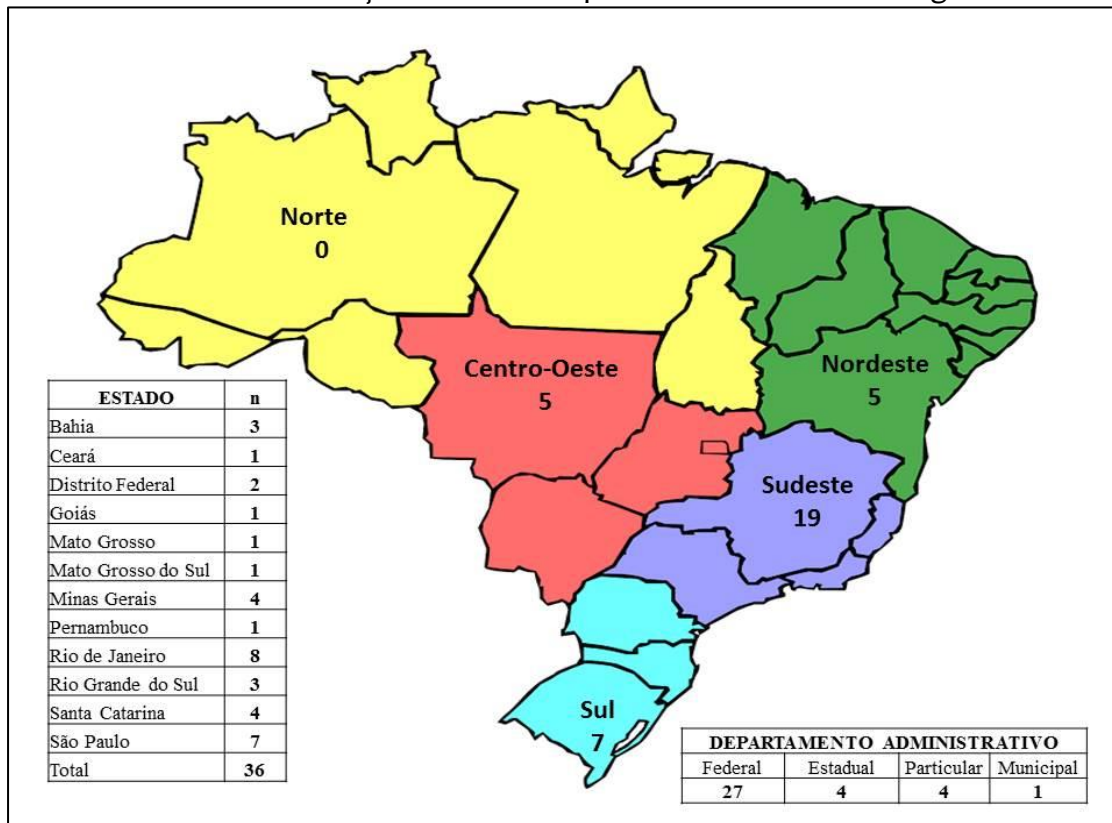
Fonte: Elaborado pelos Autores, 2022.

Devido à pandemia do novo coronavírus, esperava-se que os trabalhos envolvendo a Educação em Saúde aumentassem nos dois últimos anos, o que não ocorreu. Contudo, acredita-se que as preocupações nesse período, inicialmente, foram de reflexões teórico-práticas do acesso dos estudantes às atividades remotas para que, posteriormente, a atenção fosse voltada à produção científica sobre atividades envolvendo a educação em saúde. Malacarne *et al.* (2021a), verificaram que, na cidade do Rio de Janeiro, cerca de 40% dos estudantes da rede municipal, no início da pandemia, não tinham microcomputadores para acesso às aulas. Esse percentual certamente aumentou quando pensada a conexão à internet nas residências desses estudantes, somadas, ainda, às dificuldades econômicas e estruturais nas residências. Pensando em tendências futuras, a volta gradativa às atividades escolares presenciais, ainda no ano de 2021, pode resultar em produções científicas envolvendo a educação em saúde, indispensável para a nova realidade enfrentada.

Outro fator que pode estar associado à redução das pesquisas envolvendo o tema Educação em Saúde – e todos os demais – diz respeito aos contínuos cortes orçamentários à CAPES, desde o ano de 2014 (GUIMARÃES; BRITO; SANTOS, 2020). Para os autores, sem o financiamento público necessário à pós-graduação brasileira, além da redução no número de pesquisadores e pesquisas científicas, também haverá aumento da disparidade entre as regiões brasileiras, conforme apresentado a seguir.

No que diz respeito às Regiões brasileiras, Estados, Departamento Administrativo (federal, estadual, municipal ou privado) dos trabalhos, os dados são apresentados na Figura 2.

Figura 2: Regiões brasileiras, Estados e Departamentos Administrativos das instituições filiadas aos primeiros autores dos artigos.



Fonte: Elaborado pelos Autores, 2022. Adaptado de Educa Mais Brasil <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/geografia/regioes-brasileiras>>.

Indo ao encontro de outras revisões sistemáticas, embora com temas diferentes, mas que se apropriaram da análise por descritores gerais e específicos, como Pin e Rocha (2019), Zanini e Rocha (2020) e Guimarães, Brito e Santos (2020), percebe-se que há uma concentração dos trabalhos na Região Sudeste do Brasil, especialmente nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Esse resultado pode estar associado ao fato de que a Região Sudeste concentra a maioria dos Programas de Pós-Graduação (PPG), em nível de mestrado e doutorado, classificados dentro da área de Ensino (CAPES, 2021). Por exemplo, segundo a Capes (2021), no momento, existem 183 PPG de Ensino. Desses, 62, equivalente a aproximadamente 34%, estão localizados no Sudeste do Brasil. Ainda, o estado do Rio de Janeiro possui 20 desses programas, e São Paulo 25, que conforme observado na Figura 2, foram os que mais produziram sobre os temas de Educação em Saúde.

Por outro lado, a Região Norte do Brasil, composta por 7 (sete) estados, não teve nenhum trabalho envolvendo o tema dessa pesquisa. Embora o foco específico de linhas de pesquisa pudesse justificar essa ausência, destaca-se a necessidade de ampliação dos PPG, uma vez existente a disparidade educacional, social e econômica entre Estados e Regiões brasileiras (GUIMARÃES; BRITO; SANTOS, 2020). Ademais, percebe-se que apenas a criação de PPG não é o suficiente, sendo indispensável, ainda, o investimento na formação de recursos humanos e materiais para a evolução científica dos programas e das pesquisas em diferentes localidades do país.

Outro importante fator a ser destacado se refere ao Departamento Administrativo dos autores e suas filiações institucionais. Seguindo a tendência em revisões brasileiras, as instituições federais (Universidades e Institutos) são as que mais produzem, não só sobre educação em saúde, mas em relação a todos os demais campos e áreas do conhecimento. Isso, resistindo aos constantes cortes e ataques à educação pública brasileira, sobretudo nos últimos anos¹.

Destaca-se, ainda, a importância de instituições como a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), tanto em seu polo principal, a Escola Nacional de Saúde Pública, localizada na cidade do Rio de Janeiro, quanto em outras unidades, como Brasília e Belo Horizonte, na sistematização e produção científica no país sobre a educação em saúde, especialmente na área de Ensino. Durante a pandemia – assunto que será abordado mais a frente –, percebem-se os ataques e críticas justificadas pelo negacionismo científico e ideologias políticas à instituição, que felizmente, segue resistindo. Contudo, ainda que não citadas outras instituições, como Centro de Ciências e Saúde e Escolas de Nutrição das Universidades Federais brasileiras, reforçam-se as contribuições desses departamentos para a temática investigada.

Entrando no enfoque dos descritores específicos dos trabalhos analisados, na Tabela 1 são apresentadas as temáticas investigadas nas pesquisas. Percebe-se a diversidade de assuntos envolvendo Educação em Saúde, com destaque para o Programa Saúde na Escola (PSE), a Educação Alimentar e Nutricional (EAN) e a prevenção ao uso de álcool e drogas.

Tabela 1. Temas investigados nos trabalhos

Temas	Trabalhos	n
Programa Saúde na Escola	T10, T20, T22, T32, T33, T35.	6
Prevenção ao uso de drogas	T1, T4, T8, T13, T17.	5
Alimentação e Nutrição	T9, T15, T24, T30, T31.	5
Educação Física escolar	T11, T27, T29.	3
Covid-19	T2, T6.	2
Outros espaços: museus, projetos sociais	T12, T18.	2
Características bucais	T14.	1
Violência	T25.	1
Uso de Tecnologias Educacionais	T23.	1
Qualidade sonora nas escolas	T21.	1
Vacinação	T16.	1
Doenças negligenciadas	T26.	1
Ensino de ciências	T7.	1
Síndrome da Imunodeficiência Adquirida	T34.	1
Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade	T36.	1
Aedes Aegypti	T3.	1
Teatro na educação em saúde	T28.	1
Saúde Mental	T19.	1
Minorias: LGBTQIA+	T5.	1

Fonte: Elaborado pelos Autores, 2022.

No Brasil, há estratégias que vêm sendo utilizadas através do Programa Saúde na Escola (PSE), criado a partir do Decreto 6.286 de 5 de dezembro de 2007 e que tem como objetivo “contribuir para a formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde” (BRASIL, 2007, p. 1). Desse modo, seis trabalhos se propuseram a investigar o processo de implantação do PSE em escolas específicas. Esses trabalhos possuem grande relevância, pois, consideraram as condições das escolas e regiões que os estudantes estão inseridos para a implantação do programa. Jourdan *et al.* (2021) e Saywer, Raniti e Aston (2021) argumentam que há um problema em “modelos” prontos citando o programa da Organização Mundial da Saúde “Escolas Promotoras da Saúde”, que não obteve o retorno desejado, em diferentes países, uma vez que cada um possuía suas especificidades em termos de perfil cultural, ambiental e econômico dos estudantes. Portanto, reforça-se a necessidade da adaptação dos Programas Nacionais relacionados à saúde e demais temas às características de cada público escolar, o que pode, certamente, ser aprimorado por meio das pesquisas científicas.

A prevenção ao uso de álcool e drogas também teve destaque nos estudos que envolvem a Educação em Saúde. Dados da mais recente Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PENSE), publicada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (BRASIL, 2021), mostra que no ano de 2019, escolares de todo o Brasil com idade entre 13 e 15 anos, 15,61%

dos meninos e 18,43% das meninas reportaram ter fumado cigarro em algum momento da vida. Para o público com idade entre 16 e 17 anos, os índices são ainda maiores, com 35% entre os meninos e 30,35% entre as meninas. Sobre o uso de bebidas alcólicas, todo o público (13 a 17 anos), 59,6% dos meninos e 66,9% das meninas reportaram que em algum momento da vida já ingeriram. No que diz respeito às drogas ilícitas, 13,0% dos estudantes já fizeram uso alguma vez na vida (BRASIL, 2021). Diante disso, percebe-se a importância das investigações e ações de intervenção nas escolas sobre o tema. Por outro lado, conforme advoga Fonseca (2006) e Moreira, Vóvio e Micheli (2015), para ações efetivas, é necessário ir além de palestras informativas, sobretudo ministradas por médicos e policiais, sendo indispensável o preparo da comunidade escolar para lidar com a problemática.

Há, ainda, nas escolas brasileiras, o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que “oferece alimentação escolar e ações de educação alimentar e nutricional a estudantes de todas as etapas da educação básica pública”. Mesmo assim, os estudos encontrados na presente revisão se preocuparam, majoritariamente, com o levantamento quantitativo de prevalências de estado nutricional dos estudantes, sugerindo, nas considerações finais, ações de promoção da saúde, enfatizando a alimentação saudável.

Outros temas, embora com menor prevalência, estiveram presentes nos trabalhos da área de Ensino. Ainda que não exista uma hierarquização de temas mais ou menos importante, percebe-se que há assuntos prioritários para cada período que a população atravessa. Sendo assim, esperavam-se mais trabalhos envolvendo a pandemia, mas esta só esteve presente nos artigos T2 e T6. A disciplina escolar que mais teve pesquisas associadas à saúde foi a Educação Física (T11, T27, T29), inclusive no artigo T6 discutindo questões pertinentes à Covid-19. Percebe-se o avanço das pesquisas envolvendo a Educação Física e a saúde, especialmente a coletiva, nas escolas, uma vez que Malacarne *et al.* (2021b) perceberam a insuficiência de temas ligados à educação em saúde nos cursos de licenciatura, o que, certamente, prejudicaria o ensino da saúde nas escolas. Mesmo assim, conforme disposto pelos PCN e seus Temas Transversais (BRASIL, 1997; BRASIL, 1998) e na BNCC e os TCT (BRASIL, 2017; BRASIL, 2019) a saúde é um conteúdo transdisciplinar, devendo ser abordada em todas as disciplinas da educação básica, o que não foi verificado.

Os descritores específicos dos estudos são apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 – Descritores Específicos dos trabalhos

Tipo de Estudo	Amostra – Local	Resultados Principais
T1	Análise crítica de experiência sobre o Projeto “Prevenção ao uso de álcool e outras drogas no território nacional”.	60 estudantes, com idade entre 15 e 19 anos, de oito escolas públicas de Brasília – DF.
T2	A experiência da educação entre pares viabilizou a elaboração de estratégias críticas e artisticamente potentes para ações de caráter preventivo direcionadas a adolescentes em situação de vulnerabilidade social.	Desenvolvimento de uma proposta metodológica utilizando Tecnologias de Comunicação e Informação (TICS).
T3	Professores e estudantes do ensino médio – sem especificação de números.	A proposta de formação contribui para o enfrentamento da pandemia na perspectiva da educação em saúde.
T4	Análise qualitativa com pressupostos da pesquisa-ação.	55 estudantes, do Ensino Fundamental I e II de duas escolas públicas do Ceará – Fortaleza.
T5	Método de cartografia de Passos, Kastrup e Escóssia (2009).	210 alunos, com idade entre 6 e 8 ano. Também foi entrevistado professores, gestores e profissionais da saúde.
T6	Estudo de natureza qualitativa, focado em registro de história de vida e entrevistas.	Três escolares: uma mulher trans, um homem cis gay e uma mulher cis lésbica.
T7	Relato de experiência.	Alunos do 1º ano do Ensino Médio.
T8	Relato de experiência com metodologia participativa.	Este projeto abordou temas sociais relevantes, promoveu uma maior utilização das tecnologias digitais no processo de ensino-aprendizagem, bem como estimulou a produção cultural dos estudantes.
T8	Estudo observacional, do tipo transversal.	Professores de ciências da rede Pública Municipal da cidade do Rio de Janeiro; cinco alunos de graduação; um aluno de doutorado; dois professores do ensino superior.
T8		O empreendimento tem favorecido reflexões críticas sobre os instrumentos e as finalidades da docência emancipatória, identificando uma significativa influência da interculturalidade na construção de conceitos e condutas voltadas à saúde física, mental e social. A proposta não pode ser limitada a escalas pontuais ou a momentos episódicos na esfera escolar.
T8		As ações de prevenção ao uso drogas nas escolas brasileiras necessitam de aperfeiçoamento das medidas adotadas. Os programas não se baseiam em evidências científicas e boas práticas em prevenção.

T9	Estudo transversal.	166.468 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental, de escolas públicas e privadas, nos anos de 2009, 2012 e 2015.	O contexto familiar e social é um assunto fundamental para ser trabalhado com as famílias, os adolescentes e as escolas, como medida de prevenção a possíveis problemas de saúde. As políticas públicas de saúde e educação voltadas aos adolescentes devem ter como diretrizes o incentivo ao apoio familiar.
T10	Estudo cartográfico, com análise documental e observação participante.	51 profissionais das áreas da educação, saúde e assistência social.	As análises indicam que as ações realizadas por meio do PSE explicitaram o processo de medicalização no cuidado a educandos, especialmente com foco na prescrição e uso de psicotrópicos.
T11	Metodologia qualitativa, com entrevista e análise do discurso do sujeito coletivo.	10 professores de educação física que realizaram um curso de extensão.	O discurso biologicista continua hegemônico nas concepções dos professores de Educação Física, possuindo um peso considerável nas reflexões de saúde e ser saudável, assim como, nas abordagens com esta temática na EJA.
T12	Pesquisa documental.	150 trabalhos de alunos do projeto.	Os jovens tiveram a oportunidade de discutir, dentro de seus territórios, temas como desejo, política, ecologia, sexualidade e projeto de vida. Com isso, defende-se aqui que o projeto permitiu a efetivação de direitos, gerando oportunidades para que os jovens construíssem suas próprias trajetórias de autonomia e emancipação.
T13	Pesquisa qualitativa, com uso de entrevistas semiestruturadas.	Profissionais da saúde e educação.	A identificação da forma pouco científica como a informação sobre crack/drogas é alcançada por esses profissionais, deve expandir essa dificuldade para outras áreas do conhecimento que estão a frente. Essa suposição é preocupante e nos leva a refletir sobre a distorção de conhecimento que se instala entre grupos
T14	Estudo transversal, com uso de questionário.	381 estudantes, com idades entre 15 e 18 anos.	O desempenho escolar em adolescentes é um fenômeno complexo associado ao SOC, características de saúde bucal e sociodemográficas.
T15	Estudo transversal, com uso de questionário.	3.930 estudantes com idades entre 7 e 10 anos, de Santa Catarina.	Os resultados apontam a necessidade de expansão de normativas que minimizem a disponibilidade de alimentos de baixo valor nutricional nas cantinas e que promovam educação nutricional envolvendo a comunidade escolar.
T16	Estudo transversal.	605 adolescentes, com idades entre 13 e 18 anos de 22 escolas públicas de Divinópolis – MG.	O estudo apresentou impacto positivo pela ampliação da cobertura vacinal e as ações de extensão foram essenciais para o conhecimento sobre os temas propostos.
T17	Pesquisa qualitativa, com estudo de caso.	45 adolescentes, do Cabo Verde e do Brasil, do Ensino Médio.	Para não utilizar drogas evidencia-se que é importante a construção das representações de si com valor positivo, mas por vezes os adolescentes se vêem coagidos por pressão do grupo. Em relação à utilização de anabolizantes, alegaram que é incorreto, faz mal e deve-se pensar na saúde.

Educação em Saúde na área de Ensino: tendências e padrões em estudos brasileiros

T18	Pesquisa qualitativa. Estudo exploratório.	16 estudantes, com idades entre 14 e 16 anos.	Os resultados indicam que, durante as visitas, esse público interagiu intensamente nas relações entre três elementos fundamentais no modelo teórico adotado: os módulos expositivos, os próprios visitantes e os mediadores.
T19	Pesquisa qualitativa, com entrevistas semiestruturadas.	18 profissionais da educação de uma escola pública do interior da cidade de São Paulo.	A problemática relacionada à saúde mental nas crianças é expressa por meio de agressividade e agitação excessivas, isolamento, desatenção e dificuldade no cumprimento de combinados e que envolve fatores do contexto familiar, escolar e socioculturais presentes no cotidiano das crianças.
T20	Pesquisa qualitativa, com análise documental e cultural.	No texto, não fica claro a quantidade de documentos analisados, ainda que o foco seja o “Programa Saúde na Escola”.	O processo nomeado “generificação da intersetorialidade”, é descolado de corpos biológicos sexuais, mas segue (re)constituindo, reiterando e legitimando exercícios profissionais que naturalizam ações, lugares e arranjos institucionais que tomam atributos femininos como recurso funcional às necessidades da intersetorialidade proposta na política estudada.
T21	Estudo transversal, com aplicação de questionário.	320 funcionários, de dez instituições.	Os níveis de pressão sonora encontrados podem comprometer a aprendizagem das crianças e a saúde de todos. Os funcionários percebem o ruído e indicam prejuízos em sua rotina de trabalho. Ações para melhorar o conforto acústico nessas instituições foram discutidas e estão sendo implementadas.
T22	Estudo qualitativo, com o uso de relato escrito (redação).	44 estudantes.	Os escolares se mostraram passivos e receptivos sem, no entanto, o protagonismo necessário à produção da própria saúde. A corresponsabilização parece ser uma semente ainda germinando.
T23	Pesquisa qualitativa, com gravação das intervenções; grupo focal; entrevista e observação.	36 estudantes, com idades entre 11 e 19 anos.	DECIDIX é uma ferramenta que auxilia o (a) educador(a) no desenvolvimento de ações educativas baseadas no referencial freireano, intencionadas para a construção de relações horizontalizadas e dialógicas entre educadores e adolescentes, que promovam a reflexão crítica e contribuam para experiências promotoras de autonomia.
T24	Estudo transversal, com coleta de dados pelo telefone.	Participaram do estudo nutricionistas de 214 municípios de Goiás.	A associação encontrada indica a relevância da presença do nutricionista, em condições que atendam à legislação, possibilitando o cumprimento de suas atribuições, conforme definido pelo Marco Legal do PNAE e do Conselho Federal de Nutricionistas.
T25	Estudo qualitativo exploratório, com análise temática.	24 profissionais da educação e da saúde.	No Programa existente em Portugal a prevenção é sempre apontada como uma possibilidade; enquanto que no brasileiro, além dos discursos que apostam na prevenção, também há menção a limites quanto à realização de práticas preventivas em escolas.

T26	Metodologia qualitativa, com análise documental.	24 documentos de propostas curriculares sobre o tema doenças negligenciadas para estudantes do 6º ao 9º ano no Brasil.	Somente nove destes currículos abordaram as doenças negligenciadas como conteúdos de relevância e que persiste ainda a ideia de que a saúde é um bem restritamente biológico ou produto de ações prescritivas e ganhos cognitivos.
T27	Metodologia qualitativa, com análise documental.	Jornais de circulação do Rio de Janeiro no período de 1836-1950.	Os intuítos do ensino de práticas corporais eram: auxílio no processo de disciplinarização; contribuição para a saúde e a higiene dos alunos; garantia de formação ampla do educando, tendo em vista sua performance social (o forjar de uma elite nacional).
T28	Metodologia qualitativa, com análise teatral.	11 estudantes do EJA, com idades entre 18 e 27 anos.	Há a necessidade de desenvolver ações de saúde articuladas com os aspectos sociais, por meio de pesquisas que contribuam para a resolução de problemas a partir da efetivação precípua de um processo dialógico com a comunidade.
T29	Estudo transversal, com aplicação de questionário.	312 estudantes, com idades entre 10 e 16 anos.	Supõe-se que adolescentes com status social subjetivo na educação física mais elevados são aqueles que praticam mais atividade física, apresentam melhor qualidade de vida, menor IMC e menor tempo sentado.
T30	Estudo transversal, com aplicação de questionário.	59 estudantes, com idades entre 13 e 16 anos.	Tanto a aplicação do jogo como a palestra se mostraram eficientes para aumentar o grau de conhecimento dos adolescentes e, quando comparados, os métodos não mostraram diferença significativa entre si.
T31	Estudo transversal, com aplicação de questionário.	20.113 estudantes, de 83 escolas, com idades entre 13 e 17 anos.	As prevalências de EMC encontradas em todas as faixas etárias foram expressivas e o problema se agrava nas crianças maiores e nos meninos. Estes resultados reforçam a necessidade de acompanhamento do estado nutricional devido aos agravos associados ao EMC infantil e suas consequências na vida adulta.
T32	Estudo qualitativo avaliativo, com análise documental e entrevistas semiestruturadas.	23 pessoas, sendo 5 gestores de secretarias de educação e 18 profissionais da educação.	As atividades de saúde nas escolas possuem uma abordagem biomédica e são efetivadas através de palestras. Considera-se, que o programa fortaleceu a relação entre os dois setores, entretanto, aspectos da articulação intersetorial no processo político-gerecinal e nas práticas mostraram fragilidades e limitações.
T33	Estudo longitudinal, quanti-qualitativo.	14 professoras, com mediana de idade de 41 anos.	Os professores reconheceram o papel da escola na formação dos hábitos alimentares os escolares e reconheceram-se como agentes fundamentais na promoção da alimentação saudável e da qualidade de vida no ambiente escolar.
T34	Metodologia qualitativa, com análise documental e entrevistas com gestores e técnicos das áreas de saúde e educação.	Ainda que seja descrita a entrevista com gestores de todas as regiões do país, a quantidade não é especificada.	Observou-se ampliação de cobertura e baixa efetividade das ações desenvolvidas, dificuldades da integração interinstitucional e barreiras para a execução da política. Discutem-se a sustentabilidade e as alternativas à revisão da política.

Educação em Saúde na área de Ensino: tendências e padrões em estudos brasileiros

T35	Metodologia qualitativa, com estudo de caso etnográfico envolvendo observação e entrevista semiestruturada.	12 professores; 3 coordenadoras pedagógicas; 1 Diretora; 2 agentes técnicos de educação; 1 agente escolar; 1 auxiliar de limpeza; 1 auxiliar de cozinha; 1 supervisora de ensino; 18 famílias.	As emoções expressas pelas crianças nos momentos das refeições e descanso são, em grande medida, desconsideradas. Há, também, contradições entre as proposições de integração entre cuidado e educação expressas no projeto pedagógico e os discursos e práticas das professoras efetivadas junto às crianças.
T36	Metodologia qualitativa, com estudo de caso para análise da história de uma criança de 10 anos de idade e com diagnóstico de TDAH.	Professores, a mãe e a criança.	Os resultados apontam que, quando se investiga em profundidade a qualidade das interações sociais em que a criança esteve/está inserida, é possível que se compreendam as bases socioeducacionais que constituem o suposto transtorno.

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

Conforme exposto na Tabela 3, considerando a abordagem e condução dos dados do trabalho, 25 trabalhos utilizaram a perspectiva qualitativa, enquanto 10 artigos se apropriaram da metodologia quantitativa e um deles (T33), foi quanti-qualitativo. A maior prevalência de estudos qualitativos, nesse contexto, provavelmente foi decorrente das experiências e metodologias singulares que cada autor (res) utilizou para investigar as ações de educação em saúde nesses espaços, como, por exemplo, os relatos de experiências, entrevistas semiestruturas e pesquisas-ação. Conforme ressaltado anteriormente, é necessário um olhar atencioso para as especificidades de cada indivíduo/grupo e, tratando-se da pesquisa qualitativa, Minayo (2012, p. 623) considera que esse tipo de análise se adequa, pois, “a experiência e a vivência de uma pessoa ocorrem no âmbito da história coletiva e são contextualizadas e envolvidas pela cultura do grupo em que ela se insere”.

Por outro lado, não se pode ignorar as contribuições que os estudos quantitativos encontrados – a maioria observacional, do tipo transversal, com uso de questionários para coleta de dados e análise estatística dos resultados – possuem à saúde. Esses trabalhos, ao levantarem a prevalência/incidência de determinadas condições que envolvem a saúde (sobrepeso, nutrição inadequada, uso de drogas ilícitas, entre outros), alertam a comunidade científica, social e educacional sobre os temas prioritários a serem trabalhados naquele contexto e momento histórico, sendo possível, assim, o desenvolvimento de atividades direcionadas àquele público.

Ainda que apenas um trabalho tenha utilizado a metodologia quanti-qualitativa, é preciso, também, atentar-se às possibilidades que múltiplas análises proporcionam para a realização de uma pesquisa, especialmente na área da educação em saúde. Para Minayo e

Sanches (1993), ambas as análises – quantitativa e qualitativa - não se opõem, mas configuram importantes estratégias para compreensão de fenômenos. Ademais, Minayo (2014) reitera que a complementação das pesquisas, promovendo avanços na compreensão dos problemas que envolvem o campo da saúde, especialmente as pesquisas sociais.

Outro descritor investigado foi público-alvo das pesquisas. Excluindo os estudos com profissionais da saúde e da educação, percebeu-se que a maioria das intervenções foi realizada com estudantes do Ensino Médio, seguida por atividades com escolares do Ensino Fundamental II, Ensino Fundamental I e, um trabalho (T28), na modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). O que se observa é a importância do trabalho da Educação em Saúde desde os primeiros anos de vida, ou seja, na Educação Infantil, tendo em vista que estudos apontam que a aquisição de hábitos saudáveis durante a infância e adolescência aumentam as chances dos adultos manterem essa rotina (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020; HALLAL *et al.*, 2006).

Caminhando para a finalização desta revisão, reconhece-se que ela possui algumas limitações, devido ao fato de investigar somente os periódicos em língua portuguesa. Por outro lado, preferimos investigar os trabalhos que são produzidos e publicados no território nacional, uma vez que os resultados encontrados servirão para o planejamento de investigações empíricas futuras envolvendo a Educação em Saúde.

4. Considerações Finais

A partir do levantamento realizado sobre os temas envolvendo a educação em saúde em revistas do estrado A1 na área de Ensino da CAPES, verificou-se que a prevalência das publicações teve queda desde 2018, chegando a seis publicações em 2021, menor número de artigos durante o período analisado. A Região Sudeste do Brasil é a que mais produz sobre o tema, sobretudo os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, a Região Norte do país não publicou nenhum trabalho nos últimos cinco anos. Seguindo a tendência em revisões sistemáticas, as instituições federais são as que mais produzem sobre a educação em saúde, mesmo com os constantes cortes que a ciência e a pesquisa brasileira vêm sofrendo.

Os subtemas mais investigados nas pesquisas estavam relacionados ao PSE (seis trabalhos), alimentação e nutrição escolar (cinco trabalhos) e combate ao uso de álcool e drogas na adolescência (cinco trabalhos). Contudo, apenas dois trabalhos se preocuparam com a pandemia, assunto prioritário e emergente da Saúde Pública. O público escolar com

mais intervenções foi escolares do Ensino Médio e o único componente curricular presente nas pesquisas foi a Educação Física.

Em meio ao cenário desafiador que a saúde escolar se encontra, seja em disposições para o seu ensino nos documentos orientadores da educação básica brasileira, na falta de políticas de incentivo intersetorial entre a educação e a saúde, ou, ainda, na formação de professores para seu trato pedagógico, percebe-se que existem possibilidades para uma Educação em Saúde nas escolas. Um deles diz respeito à aproximação de áreas, como a do Ensino e a da Saúde, para potencializar os aprendizados necessários à Saúde Coletiva dos estudantes.

Referências

- ANJOS, L. A.; SILVEIRA, W. D. B. Estado nutricional da rede nacional de ensino de educação infantil e fundamental do Serviço Social do Comércio (Sesc), no Brasil, 2012. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1725-1734, 2017.
- ARAÚJO-JORGE, T.; SOVIERZOSKI, H. H.; BORBA, M. C. A área de ensino após a avaliação quadrienal da CAPES: reflexões fora da caixa, inovações e desafios em 2017. **Revista Brasileira de Ensino da Ciência e Tecnologia**, Ponta Grossa, v. 10, n. 3, p. 1-15, set./dez. 2017.
- ASSIS, S. S.; ARAUJO-JORGE, T. C. O que dizem as propostas curriculares do Brasil sobre o tema saúde e as doenças negligenciadas?: aportes para a educação em saúde no ensino de ciências. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 24, n. 1, p. 125-140, 2018.
- BARAKAT, R. D. M.; CAPRARA, A. Abordagem ecobiossocial e promoção da saúde na escola: tecendo saberes para a vigilância comunitária no controle do *Aedes aegypti*. **Interface (Botucatu)**, v. 25, e190805, 2021.
- BITAR, M. L.; CALAÇO SOBRINHO, L. F.; SIMÕES-ZENARI, M. Ações para a melhoria do conforto acústico em instituições de educação infantil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 315-324, 2018.
- BRAMBILA, D. K.; KLEBA, M. E.; MAGRO, M. L. P. D. Cartografia da implantação e execução do Programa Saúde na Escola (PSE): implicações para o processo de desmedicalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, e217558, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **VIII Conferência Nacional de Saúde**. Relatório final. Ministério da Saúde: Brasília, 1986. Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/biblioteca/Relatorios/relatorio_8.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- BRASIL. Lei n. 9.394 de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: educação física**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 96 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436 p.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). **Portaria n. 83, de 6 de junho de 2011**. Disponível em: <[https://www3.semesp.org.br/portal/pdfs/juridico2011/Portarias/junho/por_capes_83\(06.06.11\).pdf](https://www3.semesp.org.br/portal/pdfs/juridico2011/Portarias/junho/por_capes_83(06.06.11).pdf)>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância à Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde: PNaPS: revisão da Portaria MS/GM n. 687, de 30 de março de 2006**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. 32 p.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. 600 p.

BRASIL. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: prática de implementação**. Ministério da Educação, 2019. 26 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional de Alimentação Escolar**. Disponível em: <<https://www.fnde.gov.br/programas/pnae>>. Acesso em: 03 jan. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Saúde na Escola**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/16795-programa-saude-na-escola-saiba-mais>>. Acesso em: 27 dez. 2021.

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriodicos.jsf>>. Acesso em: 05 dez. 2021.

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde do escolar: 2019**. IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. 162 p.

CARON, E.; MACHADO, A. M. O programa Elos para prevenção ao abuso de drogas: repercussões no cotidiano escolar. **Pro-posições**, Campinas, v. 32, e-20190072, 2021.

CID, M. F. B.; SQUASSONI, C. E.; GASPARINI, D. A.; FERNANDES, L. H. O. Saúde mental infantil e contexto escolar: a percepção dos educadores. **Pro-Posições**, Campinas, v. 30, e-20170093, 2019.

COSTA, J. C. G.; SOUZA, C. T. V.; CARVALHO, R. M. A. Atuação docente em educação física escolar na Educação de Jovens e Adultos (EJA): ações de promoção da saúde. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 42, e-2045, 2020.

FERREIRA, C. S.; ANDRADE, F. B. Tendência de atitudes extremas em relação ao peso em adolescentes e sua relação com o suporte familiar e imagem corporal. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 1599-1606, 2020.

FOLKENBERG, M. B.; MENDES, T. P. L.; MORAES, E. P.; SOUZA, E. M. Educação em saúde e educação na saúde: conceitos e implicações para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 3, p. 847-852, 2014.

FONSECA, M. S. Como prevenir o abuso de drogas nas escolas? **Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 322-338, dez. 2006.

- FREITAS, S.; BERMUDEZ, X. P. D.; MÉRCHAN-HARMAN. Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 2, e-190351, 2021.
- GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M. Revisão sistemática de literatura: conceituação, produção e publicação. **Filosofia da Informação**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.
- GARBOIS, J. A.; SODRÉ, F.; DALBELLO-ARAUJO, M. Da noção de determinação social à de determinantes sociais da saúde. **Saúde Debate**, v. 41, n. 112, p. 63-76, jan./mar. 2017.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GODOI, M.; NOVELLI, F. I.; KAWASHIMA, L. B. Educação física, multiculturalismo e saúde em tempos de covid-19: uma experiência no ensino médio. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 3, e-200888, 2021.
- GONSALVES, F. C.; DAL-FARRA, R. A. A educação libertadora de Paulo Freire e o teatro na educação em saúde: experiências em uma escola pública no Brasil. **Pro-Posições**, Campinas, v. 29, n. 3, p. 401-422, set./dez. 2018.
- GUIMARÃES, A. R.; BRITO, C. S.; SANTOS, J. A. B. Expansão e financiamento da pós-graduação e desigualdade regional no Brasil (2002-2018). **Revista Praxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 16, n. 41, p. 47-71, 2020.
- HALLAL, P.C.; BERTOLDI, A.D.; GONÇALVES, H.; VICTORA, C.G. Prevalência de sedentarismo e fatores associados em adolescentes de 10-12 anos de idade. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1277-87, jun. 2006.
- JOURDAN, D.; GRAY, N.; BARRY, M. M.; CAFFE, S.; CORNU, C.; HAGE, F. E.; FARMER, M.; SLADE, S.; MARMOT, M.; SAYWER, S. M. Supporting every school to become a foundation for healthy lives. **The Lancet Child & Adolescent Health**, London, v. 5, p. 295-303, apr. 2021.
- MALACARNE, J.A D.; CARVALHO, P. H. M.; FEITOSA, R.; CAILLAUD, L. H.; PALMA, A. Ensino remoto emergencial e exclusão social na rede pública da cidade do Rio de Janeiro. **Tecnologia & Cultura**, Rio de Janeiro, n. 37, v. 1, p. 25-32, jan./jun. 2021a.
- CARVALHO, P. H. M.; BRITO, D. A.; BORGES, M. B.; PALMA, A.; MALACARNE, J. A. D. M. A saúde coletiva nos cursos de educação física das Universidades Públicas do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 43, e-007921, 2021b.
- MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. Análise moral e ética no cuidado com a saúde de adolescentes cabo-verdianos e brasileiros referente ao consumo de cigarros, álcool, drogas e anabolizantes. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, n. 2, p. 297-315, 2019.
- MARTINS, I. Educação em ciências e educação em saúde: breves apontamentos sobre histórias, práticas e possibilidades de articulação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 25, n. 2, p. 269-275, abr. 2019.
- MASSARANI, S.; REZNIK, G.; ROCHA, J. N.; FALLA, S.; ROWE, S.; MARTINS, A. D.; AMORIM, L. H. A experiência de adolescentes ao visitar um museu de ciências: um estudo no museu da vida. **Ensaio: Pesquisa em Educação em Ciências**, Belo Horizonte, v. 11, e10514, 2020.
- MEGID NETO, J. **Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de Ciências no nível fundamental**. Tese (Doutorado). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1999. 365f.

MELO, V. A. Preocupações com a educação física: o ensino das práticas corporais nas escolas fluminenses (1936 – anos 1850). *Educação em Pesquisa*, São Paulo, v. 44, e-175905, 2018.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teorias, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v.17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

MONÇÃO, M. A. G. Cenas do cotidiano na educação infantil: desafios da integração entre cuidado e educação. *Educação em Pesquisa*, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 161-176, jan./mar. 2017.

MONTEIRO, R. J. S.; OLIVEIRA, M. P. C. A.; BELIAN, R. B.; LIMA, L. S.; SANTIAGO, M. E.; GONTIJO, D. T. DECIDIX: encontro da Pedagogia Paulo Freire com os *serious games* no campo da educação em saúde com adolescentes. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 951-962, 2018.

MOREIRA, A.; VÓVIO, C. L.; MICHELI, D. D. Prevenção ao uso abusivo de drogas nas escolas: desafios e possibilidades para a atuação do educador. **Educação em Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 119-135, jan./mar. 2015.

NEVES, F. H. G.; QUEIROZ, P. P. O ensino de ciências e a saúde: por uma docência intercultural e crítico-reflexiva na escola básica. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 23, e-20013, 2020.

NEVES, M. B.; ROMERO, L. C. A política brasileira de prevenção da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida na escola (1994-2014) e o papel da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 38, n. 141, p. 983-997, out./dez. 2017.

NOVAIS, M. A. P.; LIBERAL, M. M. C.; NAPPO, S. A.; ZUCCHI, P. A percepção dos profissionais de saúde e da educação sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação no acesso às informações sobre o crack. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 26, e-20049, 2020.

OLIVA, M. I. G.; CUNHA, I. P.; SILVA, A. N.; MIALHE, F. L.; CORTELLAZZI, K. L.; MENEGHIM, M. C.; COELHO, T. C.; LACERDA, V. L. Senso de coerência e fatores associados ao desempenho escolar de escolares. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 8, p. 3057-3066, 2019.

OLIVEIRA, F. P. S. L.; VARGAS, A. M. D.; HARTZ, Z.; DIAS, S.; FERREIRA E FERREIRA, E. Percepção de escolares do ensino fundamental sobre o Programa Saúde na Escola: um estudo de caso em Belo Horizonte, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2891-2298, 2018.

PADRÃO, M. R. A. V.; TOMASINI, A. J.; ROMERO, M. L. A. M.; SILVA, D.; CAVACA, A. G.; KÔPTCKE, L. S. Educação entre pares: protagonismo juvenil na abordagem preventiva de álcool e outras drogas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 7, p. 2759-2768, 2021.

- PALMA, A. Tensões e possibilidades nas interações entre educação física, saúde e sociedade. In: WACHS, F.; LARA, L.; ATHAYDE, P. **Ciências do Esporte, Educação Física e Produção do Conhecimento em 40 Anos de CBCE**. Atividade Física e saúde. Natal: Edufrn, 2020. p. 15-27.
- PEREIRA, A. P. D.; SANCHEZ, Z. M. Características dos Programas escolares de prevenção ao uso de drogas no Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 8, p. 3131-3142, 2020.
- PEREIRA, T. S.; PEREIRA, R. C.; ANGELIS-PEREIRA, M. C. Influências de intervenções educativas no conhecimento sobre alimentação e nutrição de adolescentes de uma escola pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 427-435, 2017.
- PIN, J. R. O.; ROCHA, M. B. Utilização didático-pedagógica de trilhas ecológica no Ensino de Ciências: um levantamento de teses e dissertações brasileiras. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v. 12, n. 1, p. 72-98, abr. 2019.
- ROCHA, A. S.; FACINA, V. B. Professores da rede municipal de ensino e o conhecimento sobre o papel da escola na formação de hábitos alimentares dos escolares. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 23, n. 3, p. 691-706, 2017.
- ROSSI, C. E.; COSTA, L. C. F.; MACHADO, M. S.; ANDRADE, D. F.; VASCONCELOS, F. A. G. Fatores associados ao consumo alimentar na escola e ao sobrepeso/obesidade de escolares de 7-10 anos de Santa Catarina, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 443-454, 2019.
- SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v. 11, n. 1, p. 83-89, 2007.
- SANTOS, R. O.; BARBOSA, D. G.; REBELLATO, C. F.; BELTRAME, T. S.; FELDEN, E. P. G. Status social subjetivo na escola e nas aulas de educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Brasília, v. 40, n. 1, p. 77-86, 2018.
- SANTOS, R. S.; CARMO, L. A.; JORGE, J. T. B.; FARIA, L.; ALVAREZ, R. E. C.; GUIMARÃES, J. M. M. Equipes de aprendizagem ativa na educação em saúde: ensino-serviço-comunidade na prevenção da contaminação por Covid-19. **Interface (Botucatu)**, v. 25, e210047, 2021.
- SAYWER, S. S.; RANITI, M.; ASTON, R. Making every school a health-promoting school. **The Lancet Child & Adolescent Health**, London, v. 5, n. 8, p. 539-549, aug. 2021.
- SIGNOR, R. C. F.; BERBERIAN, A. P.; SANTANA, A. P. A medicalização da educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. **Educação em Pesquisa**, São Paulo, v. 43, n. 3, p. 743-763, jul./set. 2017.
- SILVA, F. R.; ASSIS, S. G. A prevenção à violência em programas interdisciplinares que atuam em escolas brasileiras e portuguesas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 9, p. 2899-2908, 2018.
- SILVA, S. U.; MONEGO, E. T.; SOUZA, L. M.; ALMEIDA, G. M. As ações de educação alimentar e nutricional e o nutricionista no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 2671-2681, 2018.
- SILVEIRA, C. C.; MEYER, D. E. E.; FÉLIX, J. A generificação da intersetorialidade no Programa Saúde na Escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 100, n. 255, p. 423-442, maio./agos. 2019.

SOUSA, M. C.; ESPERIDIÃO, M. A.; MEDINA, M. G. A intersectorialidade no Programa Saúde na escola: avaliação do processo político-gerencial e das práticas de trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 6, p. 1781-1790, 2017.

TASCA, B. G.; BRANDÃO, E. R.; BRANCO, V. M. C. Protagonismo juvenil: análise do projeto Rede de Adolescentes e Jovens Promotores da Saúde (RAP da Saúde) do município do Rio de Janeiro, na perspectiva de seus participantes. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 4, e-2000070, 2020.

TEIXEIRA, P. M. M.; MEGID NETO, J. Investigando a pesquisa educacional: um estudo enfocando dissertações e teses sobre o ensino de biologia no Brasil. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 261-282, 2006.

VIEGAS, S. M. F.; SAMPAIO, F. C.; OLIVEIRA, P. P.; LANZA, F. M.; OLIVEIRA, V. C.; SANTOS, W. J. A vacinação e o saber do adolescente: educação em saúde e ações para imunoprevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 351-360, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Atividade Física**. Disponível em: <<https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/physical-activity>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

ZANINI, A.; ROCHA, M. B. Relação de comunidades do entorno com as Unidades de Conservação: tendências em estudos brasileiros. **Terra e Didática**, v. 16, e-020037, p. 1-13, 2020.

Nota

¹ Conforme matéria intitulada “Universidades Públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil”, no endereço eletrônico da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), em 2019, as Universidades Federais e Estaduais foram responsáveis pela produção de 95% das publicações científicas no Brasil. Isso, considerando pesquisas no ranking de 1% e 10% mais influentes em nível mundial. Nesse comparativo, entre as 20 Universidades que mais produzem conhecimento no território nacional, quinze são Federais e cinco são Estaduais. Ademais, conforme os resultados desta revisão, a maior parte (dezenove trabalhos) são da Região Sudeste do País. Na Região Norte, nenhuma instituição foi citada. Conferir em <<https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>>.

Sobre os autores

José Augusto Dalmonte Malacarne

Doutorando em Educação em Ciências e Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: ze_malacarne@hotmail.com. ORCID: 0000-0001-9232-7817.

Marcelo Borges Rocha

Doutor em Ciências Biológicas. Departamento de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Educação. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. E-mail: rochamarcelo36@yahoo.com.br. ORCID: 0000-0003-4472-7423.

Recebido em: 20/01/2022

Aceito para publicação em: 24/01/2022